

Consciência fonológica: relações entre oralidade e escrita.¹

Autora: Fabiane Puntel Basso²

(fabi.basso@gmail.com)

Orientadora: Dóris Pires Vargas Bolzan³

Apresentação do tema

O termo consciência fonológica é definido como sendo a consciência de que as palavras são constituídas por diversos sons ou grupos de sons e que elas podem ser segmentadas em unidades menores (Morais, 1997; Capellini & Ciasca, 1999; Zorzi, 2000; Moojen & Santos, 2001). Sob essa denominação, estão envolvidos vários níveis de consciência fonológica, alguns desenvolvendo-se espontaneamente e outros na dependência do domínio do código escrito. A consciência fonológica também caracteriza-se por apresentar uma relação de reciprocidade com o aprendizado da leitura e da escrita.

Por ser um assunto relativamente novo e como a própria Ferreiro (2004:12) salienta, por “tratar-se de um terreno delicado” é preciso dar relativa atenção ao fato de que uma coisa é a consciência das propriedades fonológicas das diversas variantes da fala e outra, bem diferente, é o uso do método fônico. Essa discussão, no caso do Brasil, logo adquire conotações políticas, ideológicas e pedagógicas.

Como é uma discussão atual no Brasil e de muita polêmica, este trabalho procura abordar aspectos relacionados à influência da estimulação das habilidades em consciência fonológica no processo de alfabetização. Este trabalho está em andamento, pois está sendo desenvolvido na pesquisa de mestrado da autora na Universidade Federal de Santa Maria.

Desta forma, este estudo tem por objetivo observar como um programa de intervenção pré-alfabética, na educação infantil, pode interferir no desempenho da leitura e da escrita de crianças da primeira série do ensino fundamental, ou seja, observar as relações entre oralidade e escrita.

¹ Trabalho que está sendo desenvolvido no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação / CE / UFSM.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação / CE / UFSM, Especialista em Educação Especial, Graduada em Fonoaudiologia.

³ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação / CE / UFSM.

O programa de intervenção pré-alfabética foi realizado com as crianças na educação infantil, constituiu-se de atividades lúdicas metafonológicas, realizada pelo educador (com orientação prévia) e com o intuito de promover o desenvolvimento da consciência fonológica.

Este conhecimento da estrutura sonora desenvolve-se nas crianças ouvintes no contato destas com a linguagem oral de sua comunidade. É na relação dela com diferentes formas de expressão oral que essa habilidade metalingüística desenvolve-se, desde que a criança se vê imersa no mundo lingüístico. Diferentes formas lingüísticas a que qualquer criança é exposta dentro de uma cultura vão formando sua consciência fonológica, entre elas destacamos as músicas, cantigas de roda, poesias, jogos orais, e a fala, propriamente dita.

Denomina-se consciência fonológica a habilidade metalingüística de tomada de consciência das características formais da linguagem. Esta habilidade compreende dois níveis: a consciência de que a língua falada pode ser segmentada em unidades distintas, ou seja, a frase pode ser segmentada em palavras; as palavras, em sílabas e as sílabas, em fonemas; e a consciência de que essas mesmas unidades repetem-se em diferentes palavras faladas (Byrne & Fielding-Barnsley, 1989), tendo uma relação direta com a oralidade (Ferreiro, 2004).

Para Morais (1997); Capellini & Ciasca (1999); Zorzi (2000); Moojen & Santos (2001) o termo consciência fonológica foi definido como sendo a consciência de que as palavras são constituídas por diversos sons ou grupos de sons e que elas podem ser segmentadas em unidades menores.

Leonor Scliar-Cabral (1989) entende por consciência fonológica ou metafonologia a capacidade de se debruçar sobre os objetos fonológicos de forma reflexiva, apresentando vários níveis, dependendo da complexidade do objeto e do distanciamento maior entre o sujeito epistêmico e este objeto.

Cielo (2000) salienta que sob a expressão “consciência fonológica” estão englobadas as habilidades em reconhecimento e produção de rimas, análise, síntese, reversões e outras manipulações silábicas e fonêmicas, além de habilidades em realizar a correspondência entre fonema e grafema e vice-versa. Todavia Capovilla & Capovilla (2000) ressalta que o termo “consciência fonêmica” pode ser usado apenas como referência específica à consciência dos fonemas.

A rima representa a correspondência fonêmica entre duas palavras a partir da vogal da sílaba tônica. Por exemplo, para rimar com a palavra SAPATO, a palavra deve terminar em ATO, pois a palavra é paroxítona, mas para rimar com CAFÉ, a palavra precisa terminar somente em É, visto que a palavra é oxítona. A equidade deve ser sonora e não necessariamente gráfica, ou seja, as palavras OSSO e PESCOÇO rimam, pois o som em que terminam é igual, independente da forma ortográfica.

Já a aliteração, também recurso poético, como a rima, representa a repetição da mesma sílaba ou fonema na posição inicial das palavras. Os trava-línguas são um bom exemplo de utilização da aliteração, pois repetem, no decorrer da frase, várias vezes o mesmo fonema.

Os pesquisadores Goswami e Bryant (1999) realizaram estudos a respeito da consciência fonológica e comprovaram que a habilidade de detectar rima e aliteração é preditora do progresso na aquisição da leitura e escrita. Isto ocorre, porque a capacidade de perceber semelhanças sonoras no início ou no final das palavras permite fazer conexões entre os grafemas e os fonemas que eles representam, ou seja, favorece a generalização destas relações.

É comum vermos crianças de 4 ou 5 anos brincando com nomes dos colegas em jogos de rimas como: "Gabriel cara de pastel, "Fabiana cara de banana". Mesmo sem saber que isto é uma rima, a brincadeira espontânea das crianças atesta sua capacidade de consciência fonológica.

A consciência de palavras, também chamada de consciência sintática, representa a capacidade de segmentar a frase em palavras e, além disso, perceber a relação entre elas e organizá-las numa seqüência que dê sentido. Esta habilidade tem influência mais precisa na produção de textos e não no processo inicial de aquisição de escrita. Ela permite focalizar as palavras enquanto categorias gramaticais e sua posição na frase. Contar o número de palavras numa frase, referindo-o verbalmente ou batendo uma palma para cada palavra, é uma atividade de consciência de palavras. Por exemplo: Quantas palavras há na frase: "O cachorro correu atrás do gato?" Ao responder corretamente esta questão ou batendo uma palma para cada palavra, enquanto repete a frase, a criança demonstra sua habilidade de consciência sintática. Além disso, ordenar corretamente uma oração ouvida com as palavras desordenadas também é uma capacidade que depende desta habilidade.

Déficit nesta habilidade pode levar a erros na escrita do tipo aglutinações de palavras e separações inadequadas. Embora esses erros sejam comuns no processo inicial de aquisição da escrita, como por exemplo, escrever: OGATO (aglutinação) ou SABO NETE (separação), a persistência destes tipos de erros pode ser motivada por uma dificuldade de consciência sintática. Esta habilidade implica numa capacidade de análise e síntese auditiva da frase.

A consciência da sílaba consiste na capacidade de segmentar a palavras em sílabas. Esta habilidade depende da capacidade de realizar análise e síntese vocabular. Segundo o dicionário Michaelis, a análise é a decomposição em elementos constituintes -neste caso, a sílaba-e a síntese é a operação mental pela qual se constrói um sistema; agrupamento de fatos particulares em um todo que os abrange e os resume -aqui, a palavra.

O estudo da consciência fonológica possibilita evidenciar os estudos psicogenéticos. Zorzi (2003) faz uma análise da psicogênese da escrita relacionando-a com o desenvolvimento das habilidades de consciência fonológica. Segundo esse autor, a criança só avança para a fase silábica de escrita (de acordo com a classificação de Emilia Ferreiro), quando se torna atenta às características sonoras da palavra, especialmente quando ela chega ao nível do conhecimento da sílaba.

Atividades como contar o número de sílabas; dizer qual é a sílaba inicial, medial ou final de uma determinada palavra; subtrair uma sílaba das palavras, formando novos vocábulos são dependentes esta é uma subabilidade da consciência fonológica.

A consciência fonêmica é a mais refinada da consciência fonológica que consiste na possibilidade de análise dos fonemas que compõem a palavra, sendo também a última a ser adquirida pela criança. É no processo de aquisição da escrita que esse tipo específico de habilidade passa a ser desenvolvida.

As escritas de um sistema alfabético, como o português, o inglês e o francês, por exemplo, permitem que os indivíduos tomem contato com as estruturas mínimas da linguagem: os fonemas; o que não é possível num sistema de escrita silábico ou ideográfico. Desta forma, percebemos que um certo nível de consciência fonológica é imprescindível para a aquisição da lecto-escrita, ao mesmo tempo em que, com domínio da escrita, a consciência fonológica se aprimora. Ou seja, estágios iniciais da consciência fonológica contribuem para o desenvolvimento dos estágios iniciais do

processo de leitura e estes, por sua vez, contribuem para o desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica mais complexas.

Atividades como dizer quais ou quantos fonemas formam uma palavra; descobrir qual a palavra está sendo dita por outra pessoa unindo os fonemas por ela emitidos; formar um novo vocabulário subtraindo o fonema inicial da palavra (por exemplo, omitindo o fonema /k/ da palavra CASA, forma-se a palavra ASA), são exemplos em que se utiliza a consciência fonêmica.

Ferreiro (2003) ressalta como a consciência fonológica é adquirida:

Desde pequenos, participamos naturalmente de jogos em que cada sílaba corresponde a uma palma, por exemplo. A única divisão que não surge naturalmente no desenvolvimento é em unidades menores que uma sílaba, ou seja, em fonemas. Um adulto analfabeto e uma criança analfabeta não conseguem fazer isso de maneira espontânea. Quando eu adquiro a linguagem oral, tenho uma certa capacidade de distinção fônica, senão não distinguiria pata de bata (Ferreiro, 2003, 28).

Assim, a consciência fonológica associada ao conhecimento das regras de correspondência entre grafemas e fonemas permite à criança uma aquisição da escrita com maior facilidade, uma vez que possibilita a generalização e memorização destas relações (som-letra).

Segundo Salles (1999) há uma discordância entre os pesquisadores em relação à época de emergência da consciência fonológica, conflito igual ao período de surgimento da consciência metalingüística. Alguns acreditam que o fenômeno já acontece ao redor de 3/4 anos, enquanto que, para outros, a emergência se dá ao redor dos 6/7 anos, coincidindo com o início da escolarização.

Para Carvalho (s/d) o desenvolvimento das habilidades fonológicas ocorre normalmente ao longo dos primeiros anos da infância. Nesse momento inicial, segundo Poersch (1998) tais habilidades constituem conhecimentos procedimentais que ainda não permitem a criança refletir sobre a sua fala de forma intencional, então o mais correto é falar de uma sensibilidade fonológica, que é um “dar-se conta de que algo existe, sem que isso o permita considerações mais reflexivas que levem a explicar o como e o porquê”. Entretanto, progressivamente, desenvolvem-se processos atencionais

que levarão à emergência da consciência fonológica. Esta, por sua vez, está situada no nível mais alto do processo de conscientização. As habilidades fonológicas, portanto, representam diferentes níveis de domínio da estrutura fonológica da língua: um nível pré-consciente, o da sensibilidade fonológica, e um nível consciente, o da consciência fonológica.

Para Gough et al. (1995) a consciência fonológica poderia ser avaliada de muitas maneiras diferentes. Embora existam inúmeras tarefas diferentes umas das outras, elas ainda mediariam a mesma coisa e obviamente que tarefas diferentes não apresentariam o mesmo nível de dificuldade, necessariamente.

Ainda o mesmo autor afirma que uma possibilidade é que as diferenças resultem de diferenças nas exigências cognitivas daquelas tarefas. O fato é que não temos uma medida direta da consciência fonológica, nossas medidas são indiretas e cada uma das tarefas que usamos tem suas próprias exigências cognitivas. Por exemplo, para aglutinar uma seqüência de fonemas isolados, a criança precisa, em primeiro lugar, perceber estes fonemas e, em seguida, armazená-los na memória enquanto tenta aglutiná-los para formar uma palavra. De acordo com esta hipótese, embora as várias tarefas possam ser diferentes, elas ainda estão baseadas na presença ou ausência da consciência fonológica.

Concordante com o fato de que existem diferentes níveis de exigências nas tarefas de consciência fonológica Maluf & Barrera (1997) afirmam que o conceito de consciência fonológica abrange habilidades que vão desde a simples percepção global do tamanho das palavras e/ou de semelhanças fonológicas entre elas, até a efetiva segmentação e manipulação de sílabas e fonemas. A partir disso, outros autores também têm sugerido a existência de diferentes níveis de consciência fonológica, alguns dos quais provavelmente precedem a aprendizagem da leitura e da escrita, enquanto outros parecem ser mais um resultado dessa aprendizagem.

Seguindo a mesma opinião, Carvalho & Alvarez (2000) relatam que a consciência fonológica em crianças obedecem padrões operacionais de complexidade, sendo que a recepção de rimas e segmentação de sentenças em palavras são as tarefas menos complexas dessa escala; seguido de segmentação de palavras e de adição das sílabas em palavras. Atividades como análise inicial, subtração de sílabas, emissão de rima e rima seqüencial requerem maior competência fonológica, pelo seu maior grau de complexidade.

Assim, a consciência fonêmica é a atividade mais sofisticada da consciência fonológica, uma vez que requer a compreensão de que as palavras são formadas por estruturas mínimas que podem ser recombinadas e transpostas foneticamente.

Logo, são estes os níveis da consciência fonológica que vão ser observados na pesquisa e a partir deles que foram pensados os instrumentos elaborados para o estudo.

Abordagem metodológica

A partir das referências expostas propõe-se um estudo, o qual farão parte 20 crianças de uma Escola Municipal de Santa Maria-RS, 10 crianças que participaram das atividades metafonológicas na pré-escola e 10 crianças que não participaram das atividades metafonológicas. As crianças freqüentam as duas primeiras séries existentes na escola (turma 11 e 12).

Para compreender a evolução das crianças, a relação entre a intervenção metafonológica na educação infantil e a situação dessas crianças atualmente na 1^a série e com o intuito de poder observar os diferentes avanços das crianças participantes desta pesquisa, foram realizadas as seguintes avaliações: avaliação da consciência fonológica (Capovilla & Capovilla, 1998), de ortografia e da compreensão leitora (elaboradas pelas autoras), dos aspectos formais e das interpretações do grafismo infantil na leitura (Bolzan & Merg, 1987, que é baseado em Ferreiro & Teberosky, 1987) e na escrita (Ferreiro & Teberosky, 1987, 1990).

Para a avaliação da consciência fonológica utilizou-se a Prova de Consciência Fonológica (PCF) proposta por Capovilla & Capovilla (1998). A PCF foi desenvolvida com base no teste de Consciência Fonológica de Santos e Pereira (1997) e no Teste Sound Linkage, elaborado por Hatcher (1994) e é composta por dez subtestes a saber: Síntese Silábica, Síntese Fonêmica, Rima, Aliteração, Segmentação Silábica, Segmentação Fonêmica, Manipulação Silábica, Manipulação Fonêmica, Transposição Silábica e Transposição Fonêmica. Cada subteste é composto por dois exemplos iniciais em que o aplicador explica à criança o que deve ser feito, e corrige sua resposta caso seja incorreta e quatro itens de teste. O resultado das crianças na PCF foi apresentado como escore ou freqüência de acertos, sendo que o máximo possível é de quatro pontos por subtestes e quarenta pontos na prova total.

Na avaliação da leitura será utilizado o protocolo de avaliação de Bolzan & Merg (1987), que é baseado em Ferreiro & Teberosky (1987). Nesta análise da leitura pretende-se observar as caracterizações que as crianças fazem dos aspectos formais do grafismo e sua interpretação (letras, números e sinais de pontuação).

A avaliação da escrita será baseada em Ferreiro & Teberosky (1987, 1990), e terá o intuito de compreender como ocorreu a construção e evolução da escrita durante o primeiro ano de alfabetização formal das crianças e analisar o nível de representação escrita da linguagem.

A avaliação ortográfica, cujo instrumento foi criado para esta pesquisa e elaborado pelas autoras terá por objetivo a caracterização do progresso da criança após o seu ingresso na fase alfabética e a compreensão do nível de consciência que as crianças possuem em relação ao sistema ortográfico de sua língua. Essa avaliação consiste em apresentar às crianças 15 figuras, as quais servirão para a realização de um autoditado. As crianças serão instruídas a adivinhar a palavra correspondente à figura e após escrevê-las numa folha em branco.

Os estímulos serão constituídos por algum tipo de dificuldade ortográfica ou irregularidade. As palavras irregulares são aquelas em que a relação grafema-fonema não segue regra, ou seja, na escrita e/ou na leitura a conversão é completamente arbitrária. É o caso do grafema “x”, que pode ser lido com diferentes sons (como o /ks/, /S/, /s/, ou /z/), dependendo da palavra em que se está inserido.

Serão analisadas as produções escritas das crianças, revelando erros de transcrição de fala, em que a escrita registra a própria fala, os erros de supercorreção, em que generalizações indevidas são realizadas em determinadas situações de escritas, erros de correspondência grafema-fonema, entre outros.

A avaliação da compreensão leitora também foi elaborado pelas autoras deste trabalho, especificamente para esta pesquisa e tem por objetivo observar o nível de compreensão da criança acerca da linguagem escrita. Serão utilizadas cinco palavras, três concretas e duas abstratas. Elas serão escritas com letra imprensa maiúscula preta em cartões brancos. As palavras serão mostradas separadamente e a criança deverá ler e explicar o que a palavra significa.

A compreensão da leitura das palavras serão registradas em um gravador *panasonic RN-202* e posteriormente serão transcritas e analisadas. A explicação da

criança será analisada considerando dois níveis de compreensão: nível descritivo e nível interpretativo. O nível descritivo refere-se a compreensão apenas do aspecto de descrição da palavra, quando, por exemplo, a criança apenas relata como é o objeto. O nível interpretativo é definido aqui, como sendo uma completa compreensão da palavra, a criança além de descrever o objeto, analisa outros aspectos da palavra como, a relação com outros contextos, o sentido que aquela palavra tem para ela, a finalidade, etc..

A elaboração de dois níveis de compreensão leitora foi criada para favorecer a análise e assim, permitir uma melhor compreensão dos resultados.

Com base nas avaliações citadas pretende-se observar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita de crianças da primeira série que vivenciaram um programa de estimulação pré-alfabético lúdico metafonológico na educação infantil (consciência fonológica) e de crianças que não vivenciaram. Ou seja, procura-se compreender a relação entre a consciência fonológica e a alfabetização, entre a oralidade e a escrita.

Achados preliminares

Apesar dessa pesquisa estar ainda em fase de análise dos resultados, já se pode notar, a partir de dados preliminares, que o professor precisa ter o conhecimento sobre o que é a consciência fonológica para saber como pode utilizá-la na sala de aula, de maneira que propicie o processo de aprendizagem da lecto-escrita e conseguir distinguir consciência fonológica do método fônico, como Ferreiro (2004) salienta na sua discussão entre consciência fonológica e métodos pedagógicos:

(...) o que repudio é a redução da língua escrita a um código de correspondências (com múltiplas e variadas exceções). O que repudio é a equação consciência fonológica = método fônico, porque despreza a criança, que só pode ser ‘treinada’ e é impossibilitada de descobrir por si mesma. O que repudio é a dicotomia método fônico/método global, porque as boas professoras que conheço não se situam em nenhum desses dois pólos. O que repudio é a ignorância dos esforços infantis para compreender a escrita mediante seus esforços para produzir escrita (Ferreiro, 2004,12).

Também percebe-se, que essa relação entre a consciência fonológica e a aprendizagem da lecto-escrita parece ter uma posição de reciprocidade. Mas a

consciência fonológica precisa ser trabalhada como uma forma alternativa, auxiliando na aprendizagem da lecto-escrita, a partir dos questionamentos que surgem em sala de aula e não ser utilizada como um instrumento único de aprendizagem da leitura e da escrita, o que vai de encontro às idéias propostas pelo construtivismo.

Este é um processo de mão dupla, de ida e volta, a criança precisa ter consciência fonológica para se apropriar do sistema alfabético da escrita, tendo nesse processo um maior refinamento que é a consciência fonêmica, considerada como um dos níveis da consciência fonológica (Soares, 2005 e Ferreiro, 2004).

Desta forma, o ensino puro da consciência fonológica, sem uma atenção dirigida as situações que ocorrem em sala de aula, não terá a mesma eficácia no processo de construção da lecto-escrita, ou seja, o aluno precisa despertar-se para os aspectos sonoros da fala e sua conseqüente derivação na escrita. Então, é neste momento que o professor pode utilizar a consciência fonológica a favor da aprendizagem de seu aluno.

Assim, através da apresentação de diferentes facetas da aprendizagem da língua escrita, procurou-se mostrar que a escola não pode apostar num “aprendizado espontâneo” (ainda mais se pensarmos que a maioria das crianças brasileiras não é alfabetizada na educação infantil). A escola precisa criar seqüências didáticas que, a cada dia, permitam aos alunos: “dissecar” (refletir sobre) as palavras da língua e tratar os textos e as palavras como objetos e não meros “veículos de informação”. Mas tudo isso deve ser realizado dentro do contexto de sala de aula, aproveitando as situações vividas pelos alunos e utilizando-se do conceito de consciência fonológica para favorecer sua aprendizagem.

Referência Bibliográfica

BYRNE, B. & FIELDING-BARNESLEY, R. Evaluation of a program to teach phonemic awareness to young children. Jurnal of educational Psychology, v.83, n.4, p.451-455, 1991.

CAPOVILLA, A.G.S. & CAPOVILLA, F.C. Problemas de leitura e escrita; como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica: Memnon: São Paulo, 2000.

CAPOVILLA, A.G.S. & CAPOVILLA, F.C.. Prova de consciência fonológica: desenvolvimento de dez habilidades da pré-escola à segunda série. Temas sobre desenvolvimento. 7 (37): 14-20, 1998.

CAPELLINI, S.A. & CIASCA, S.M. Aplicação da Prova de Consciência Fonológica (PCF) em escolares com dificuldade na leitura. Jornal Brasileiro de Fonoaudiologia. 1 (1), 1999.

CARVALHO, I.A.M. & ALVAREZ, R.M.A. Aquisição da linguagem escrita: Aspectos da consciência fonológica. Revista Fono Atual, n.1, 2000.

CIELO, C.A. Habilidades em Consciência Fonológica em crianças de 4 a 8 anos de idade. Tese de Doutorado. Curso de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC-RS. Porto Alegre, 2000.

FERREIRO, E. Uma reflexão sobre a língua oral e a aprendizagem da língua escrita. Revista Pedagógica Pátio: leitura e escrita em questão, 2004.

FERREIRO, E. Alfabetização e cultura escrita. Revista Escola, 2003.

GOSWAMI, L. & BRYANT, P. Phonological skills and learning to read. Hillsdale. Herlbraum, 1999.

GOUGH, P.B.; LARSON, R.C.; YOPP, H. A estrutura da consciência fonológica. In: CARDOSO-MARTINS, C. (Org). Consciência fonológica e alfabetização. Petrópolis: Vozes, p.13-36, 1995.

MALUF, M.R. & BARRERA, S.D. Consciência Fonológica e Linguagem Escrita em Pré-Escolares. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, 10 (1), p.125-145, 1997.

MOOJEN, S. & SANTOS, R.M. Avaliação metafonológica: resultados de uma pesquisa. Letras de hoje, Porto Alegre, v.36, n.03, p.61-79, 2001.

NUNES, T., BUARQUE, L. BRYANT, P. Dificuldades na aprendizagem da leitura- teoria e prática. São Paulo, Cortez, 1992.

POERSCH, J. M. Uma questão terminológica: consciência, metalinguagem, metacognição. Letras de hoje, Porto Alegre, v.33, n.04, p.751-758, 1998.

SALLES, J.F.; MOTA, B.; CECELLA, C.; PARENTE, M.A.M.P. Desenvolvimento da consciência fonológica de crianças de 1^a e 2^a séries. Pró – fono. Revista de atualização científica, Carapicuíba (SP), v.11, n.2 p.68-76, 1999.

SCLiar-CABRAL, L. Conhecimento para o uso e consciência metafonológica. IV Encontro Nacional da ANPOLL- Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística, Recife-PE, 1989.

SOARES, M. Nada é mais gratificante do que ensinar. Revista Letra. Belo Horizonte, ano 1, nº 1, 2005.

ZORZI, J.L. Consciência fonológica, fases de construção da escrita e seqüência de apropriação da ortografia do Português. Cap. 08, p. 91-104. In: MARCHESAN, I.Q., ZORZI, J.L. Anuário Cefac de Fonoaudiologia. São Paulo: Revinter, 1999/2000.

ZORZI, J. L. Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita: Questões clínicas e educacionais. Porto Alegre: Artmed, 2003